

Gênero e número em Sanapaná

Antonio Almir Silva Gomes¹

1 Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

a2sg@bol.com.br

Resumo: Sanapaná é a língua materna do povo homônimo que vive às proximidades do município de Loma Plata – Chaco Paraguai. Falada sobretudo pelos habitantes das comunidades Anaconda e La Esperanza, essa língua pertence geneticamente à família lingüística Maskoy (cf. Adelaar, 2004; Campbell, 1997). Nesse artigo, refiro-me aos mecanismos morfossintáticos inerentes às categorias gênero e número Sanapaná. Ambas as categorias, conforme defendo, apresentam mecanismos particulares aos contextos – sintagma nominal e sintagma verbal – em que ocorrem.

Palavras-chave: Sanapaná; gênero; número.

1. Introdução

Ao conjunto de línguas do qual pertence geneticamente a língua Sanapaná tem sido atribuída uma denominação distinta daquela apresentada por Adelaar, (2004); Campbell, (1997), dentre outros. Maskoy, embora seja a denominação mais amplamente conhecida no meio científico, tem sido substituída, particularmente por pesquisadores que vivem no Paraguai – mais próximos das comunidades lingüísticas, portanto – pela denominação Enlhet-Enenlhet. Os principais propagadores desta nomenclatura são Kalisch e Unruh (2003), Fabre (2005) para os quais Enlhet-Enenlhet melhor define o conjunto de povos (e línguas) geneticamente relacionados. Segundo os autores, além da língua Sanapaná há outras cinco que compõem a família Enlhet-Enenlhet: Angaité, Enxet, Enlhet, Guaná e Toba-Maskoy. Esta não é, contudo, uma análise única para a situação genética da referida família lingüística. Dentre outras análises, se pode fazer referência àquela apresentada por Kersten (1968), onde constam como membros da família Maskoy as línguas Lengua, Angaité, Sanapaná, Sapuquí e Guaná. Em termos gerais, a classificação genética do conjunto de línguas Maskoy apresenta bastante variação entre os pesquisadores que tratam do tema. Certamente não é meu objetivo tratar exaustivamente da mesma nesse artigo.

No caso específico dos Sanapaná, há registros oficiais que atestam a convivência destes com inúmeros outros povos indígenas paraguaios (cf. CENSO, 2002). Há, igualmente, registros que indicam o acentuado grau de perda lingüística deste povo. Os dados que apresento aqui resultam, todavia, de uma comunidade Sanapaná na qual a língua materna ainda é a língua dos ancestrais do povo. Trata-se da comunidade La Esperanza, situada às proximidades do município de Loma Plata, há aproximadamente 450km de Assunção, capital do país.

Ao tratar especificamente da língua Sanapaná, apresento nesse trabalho – sob uma perspectiva descritiva – os processos gramaticais envolvidos na delimitação gramatical das categorias gênero (2) e número (3), seja aqueles restritos ao sintagma nominal, seja aqueles restritos ao sintagma verbal e – sob uma perspectiva tipológica – o comportamento das referidas categorias frente a línguas de distintas filiações genéticas.

Tipologicamente, inúmeras possibilidades no que se refere à identificação de gênero tem sido apontadas. Tais possibilidades se configuram a partir de questões semânticas e de questões morfossintáticas, desencadeadas para delimitar os traços masculino [M], feminino [F] de um referente. Para distinguir esses traços, mostro descritivamente que dois processos específicos são bastante produtivos na língua Sanapaná. No primeiro processo há a utilização de formas específicas identificáveis como portadoras do traço [M], [F] ou, por outro lado, há o emprego de formas anafóricas distintas para os casos [M] e para os casos [F] (2.1). No segundo processo há o emprego de formas capazes de identificar tais traços (2.2).

Sob um ponto de vista morfossintático, considerando-se a não distinção de gênero definida a partir de critérios fonéticos e/ou fonológicos, mostro que o processo desencadeado no sintagma verbal constitui-se concordância do argumento que desempenha função gramatical de sujeito da sentença com o verbo. Com isso, estamos em condições de considerar dois processos distintos para a delimitação de gênero em Sanapaná: aquele cuja ocorrência se dá no sintagma nominal e aquele cuja ocorrência se dá no sintagma verbal.

No que confere à categoria número, tem-se considerado esta, sob uma perspectiva tipológica, a categoria mais intimamente relacionada à categoria gênero. No caso Sanapaná, esta relação pode ser vislumbrada sob uma perspectiva sintática, já que, conforme apresento, ambas podem se realizar seja no sintagma nominal, seja no sintagma verbal. No caso específico da ocorrência no sintagma verbal, considero nesse trabalho apenas os mecanismos cujo escopo recai sobre um argumento do verbo. Logo, processos como reduplicação verbal, iteratividade, por exemplo, não serão aqui discutidos.

2. Gênero

Em Sanapaná, a categoria gramatical gênero pode ser identificada conforme a estrutura na qual ocorre. Há mecanismos próprios para os casos em que se toma o sintagma nominal (SN) isoladamente (2.1); e para os casos em que se tem uma sentença constituída por um sintagma verbal (SV) (2.2).

2.1 Gênero no SN

A distinção de gênero no SN tomado isoladamente se dá de duas maneiras. No primeiro caso, o falante utiliza uma forma específica para identificar o traço do referente, que poderá ser [M] ou [F] (1). No segundo, tem-se o emprego de anáforas pronominais, conforme ilustrado em (2). Sob um ponto de vista sintático, pode-se observar em (2a-b) que tais anáforas pronominais ocorrem em posição

posterior ao referente modificado, o que sugere a ordem [MODIFICADO] + [MODIFICADOR].

(1a)	apkenao	[M]	
	ankeloana	[F]	
(1b)	as-ketka	ankeloana	'meu filho mulher'
	POS ₊₁ -filho	mulher ¹	
(1c)	as-ketka	ansetkok	'meu filho homem'
	POS ₊₁ -filho	menino	
(2a)	kwelero	hlejap ²	'(ele) estudante'
	estudante	PRON ₋₁ /MASC	
(2b)	kwelero	hleja	'(ela) estudante'
	estudante	PRON ₋₁ /FEM	

No conjunto de dados acima pode-se perceber duas estratégias possíveis para identificar determinado gênero de um nome (N): (i) a distinção de [M] de [F] através das formas *apkenao* e *ankeloana* e (ii) o emprego de pronomes não primeira pessoa masculino *hlejap* e feminino *hleja*, respectivamente. Em (1c) pode-se perceber, contudo, o emprego de uma forma distinta de *apkenao* para identificar o referente [M]. A utilização de pronomes atestada em (2) cumpre papel anafórico, o que gera uma sentença que pode ser interpretada como predicativa [S_{PRED}], sem a presença necessariamente de uma cópula.

O par mínimo de dados em (3), em que se pode constatar o escopo destes sobre referentes com traços semânticos menos humano [-HUM], evidencia o emprego da forma com traço [M] restrito a referentes portadores do referido traço.

(3)	natat apkenao	'pássaro macho'
	natat ankeloana	'pássaro fêmea'

O contraste de (3) com (1b-c) confirma a restrição de *apkenao* ao traço [+HUM], já que nos casos em que o referente apresenta tal traço o falante utiliza itens lexicais distintos de *apkenao*, preferencialmente a forma *ansetkok* que identifica os traços semânticos [M], [+HUM].

¹ Embora tenha feito referência até aqui à forma *ankeloana* apenas como portadora do traço [F], é possível nos casos em que o referente modificado apresenta traços [+HUM] tanto considerá-la como 'mulher' ou como 'menina'. Esta última interpretação, se flexionada com o sufixo diminutivo /-kok/.

² A notação [-1] refere-se a um pronome não primeira pessoa. Em Sanapaná, conforme Gomes (em andamento), a distinção de pessoa se dá através de um paradigma que considera apenas 1ª pessoa [+1] em oposição a não 1ª pessoa [-1], sendo que [-1] poderá ser interpretado, de acordo com o contexto, como 2ª e/ou como 3ª pessoa.

Embora se constate a presença de itens lexicais para identificar traços referentes a gênero, conforme apresentado nos dados (1-3), é possível encontrar contextos em que não há o emprego de um item lexical para identificar o gênero do referente (4a). Nesse caso, tem-se a interpretação deste como [M], o que permite pressupor que este traço seja a forma *default* da língua em questão.

- | | | | | |
|------|------------------------------|-----------|---------|--------|
| (4a) | tenok | akmopea | asepma | |
| | gato | branco | morto | |
| | 'O gato branco (está) morto' | | | |
| | | | | |
| (4b) | tenok | ankeloana | akmopea | asepma |
| | gato | fêmea | branco | morto |
| | 'A gata branca (está) morta' | | | |

Sob um ponto de vista tipológico, não há nada de surpreendente em afirmar que o traço semântico [M] seja a forma default em Sanapaná. Inúmeras línguas naturais decodificam esse traço gramatical da mesma forma. Outro aspecto atestado em línguas naturais refere-se à possibilidade de um conjunto de palavras com característica nominais (N) funcionar na sentença como modificador de outro N. É o que se observa, por exemplo, em Jarawara (língua falada no norte do Brasil). Conforme Dixon (2004, p. 281), nomes que identificam um referente material – *jati* 'pedra' e *awa* 'madeira' – ou gênero – *fana* 'mulher, fêmea' e *maki* 'homem, macho' – são usados como modificadores de outro nome. No caso das formas *apkenao* e *ankeloana*, o que ocorre é exatamente o mesmo fenômeno atestado com os itens *fana* e *maki* do Jarawara.

2.2 Gênero no SV

A indicação de gênero no SV se dá através do emprego de prefixos de concordância, prototipicamente /ap-/ 'masculino', /an-/ 'feminino' e /ak-/ [-HUM], conforme os dados abaixo:

- | | | | | |
|------|----------------------------------|---------------------------------|----------|--------|
| (5a) | huan | ap-tahlna-kheje | | |
| | NPr | CONC. ₁ -vestir-REFL | | |
| | 'João se vestiu' | | | |
| | | | | |
| (5b) | maria | an-tahlna-kheje | | |
| | NPr | CONC. ₁ -vestir-REFL | | |
| | 'Maria se vestiu' | | | |
| | | | | |
| (5c) | asemhem | ak-tejajam | awahlo'k | mahlek |
| | cachorro | CONC. ₁ -cair | dentro | poço |
| | 'O cachorro caiu dentro do poço' | | | |

3. Número

Para a análise de número como uma categoria relacionada ao argumento verbal, particularmente aquele que desempenha função gramatical de sujeito, divido o trabalho em duas partes distintas. Como resultado do que apresento em ambas as partes, argumento em favor de que o processo que deriva número em Sanapaná ocorre prototipicamente no SV, através do prefixo /ke-/ (cf 3.2). Esse processo resulta na linearização de uma estrutura (simplificada) como abaixo:

(6) s[_{SN}[N [_{SV}[CONC + NUM +V]]]]

Há, todavia, outro processo possível para a indicação de número em Sanapaná, restrito aos casos em que se tem um SN isoladamente. Trata-se daquele em que ocorre um prolongamento da vogal da última sílaba de N (3.1). Contudo, ao considerarmos a restrição morfofonológica para esse processo torna-se conveniente fazer a pergunta seguinte

Qual tratamento adequado para SN no que se refere a número?

3.1 A indicação de número no SN

O nome Sanapaná permite a co-ocorrência com os prefixos de concordância /as-/ [+1], ap- [-1_{MASC}], ak- (-1_{FEM}).³ Itens de outra natureza lexical relacionados a N, tais como quantificadores, demonstrativos, etc., ocorrem como palavras independentes dentro do SN. No caso específico da distinção de número no SN, o mecanismo empregado é o prolongamento da vogal da última sílaba (doravante, -σ/V:C) (7b-c), que implicará em uma interpretação plural.

(7a) ap-ketkok
CONC₋₁-jovem
'Jovem'

(7b) ap-ketko:k
CONC₋₁-jovem
'Jovens'

(7c) as-jepma	anhlan ^j e	ap-ketka:k
POS ₊₁ -irmão	INTENS	POS ₋₁ -filhos ⁴
'Os (muitos) filhos do meu irmão'		

Sob o ponto de vista semântico, poder-se-ia pressupor, a partir dos exemplos acima, uma hierarquia para a ocorrência de -σ/V:C como recurso utilizado para indicar [+GENÉRICO]. Essa hierarquia abarcaria um pequeno conjunto de nomes

³ Até o presente momento ainda não tenho informações específicas para os casos em que +1 se refere a primeira pessoa feminina, o que contrastaria com o prefixo /as-/.

⁴ Sobre a diferença de glosa para o prefixo /ap-/ contrastando-se os dados (7a-b) com (7c), por exemplo, tenho considerado ao longo do trabalho funções distintas para o mesmo morfema.

em que o traço [+HUM] é predominante. Entretanto, há casos em que o referido traço não impede o alongamento da vogal, conforme (8). O contraste de (7b-c) com (8), sugere a predominância do traço [+ANIM] como referência para $-\sigma/V:C$.

- (8) metekten ajko:k
 pato cria/filho
 'Filho de pato'

Para contrastar com o traço [+GENÉRICO], utilizam-se numerais específicos, como em (9). A ausência de $-\sigma/V:C$ em *ansetkok* (9b) se justifica pelo fato de que o numeral cardinal é suficiente para a constatação mental do usuário da língua de que se trata de mais de um 'menino'. Além disso, corrobora com a concepção de que esse mecanismo morfossintático tem ocorrência bastante restrita na língua.

- (9a) kanet popiet
 dois veado
 'Dois veados'
- (9b) kanet-na-hlema ansetkok
 dois-AD-um menino
 'Três meninos'

A ocorrência de $-\sigma/V:C$ como responsável por atribuir interpretação PL ao SN é bastante restrita. Na verdade, esse processo é produtivo apenas nos contextos em que se tem (i) um SN isolado, sem a presença de um SV; (ii) o hospedeiro com comportamento morfossintático [+N]; (iii) sílaba final em que se tem uma consoante seguida dos fones /ok/ /ak/. Logo, trata-se de um conjunto restrito de palavras. Essas restrições podem ser explicadas seguindo-se Marantz (1997), para quem a inserção de material fonológico em um item lexical não é possível se este item não contém os traços presentes no morfema.

Sob o ponto de vista estritamente sintático, a produtividade restrita de $-\sigma/V:C$ serve como indício para considerar a marcação de número em Sanapaná um fenômeno não relacionado estruturalmente ao SN. Nesse sentido, constata-se a ausência de um *slot* específico para número no SN, como em (10).

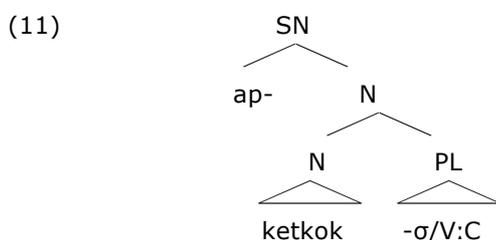
- (10)
- ```

 SN
 / \
 CONC N
 ap- / \
 D N
 ketkok

```

Como se trata de uma língua na qual PL é marcado prototipicamente no SV (cf. 3.2), pode-se imaginar, inicialmente, o emprego de  $\sigma/V:C$  caso de adjunção.

Esse mecanismo resultaria na estrutura (11), em que o traço [PL] não altera a categoria do N e se pressupõe a sua não obrigatoriedade na sentença. Disso resulta, também, a baixa produtividade desse processo, já que adjungir é naturalmente um processo sintático menos produtivo.



Com essa análise, consideramos possível responder tentativamente à pergunta realizada na introdução deste artigo e repetida abaixo

Qual tratamento adequado para SN no que se refere a número?

Em síntese, pode-se dizer que a ocorrência de  $-\sigma/V:C$  como o recurso capaz de indicar número no SN constitui-se caso de adjunção à raiz nominal. Sob um ponto de vista morfológico, essa adjunção permite ao sintagma manter sua característica de N (11). Sob um ponto de vista fonológico, o que se tem é o acréscimo de uma unidade de tempo ligado ao nó de raiz (12).<sup>5</sup>



### 3.1.1 Número em contexto de quantificação

Quando se trata de uma sentença com valor de quantificação, utilizam-se quantificadores específicos. Esses quantificadores, quando inseridos em um contexto cujo escopo da quantificação recai sobre uma palavra do conjunto restrito de palavras, não eliminam o prolongamento vocálico da última sílaba, como abaixo:

(13) mo'ohlema ap-ketko:ok me- $\text{h}$ aspon-koma koleke  
 QUANT CONC-<sub>1</sub>-jovem/PL NEG-comer-CAUS feijão  
 'Alguns jovens não vão comer feijão'

<sup>5</sup> A notação V adotada aqui (referente a um segmento acústico com características físicas de vogal, em oposição à C – consoante) não deve ser confundida com a notação V que utilizo ao referir-me à estruturas sintáticas, como em (6) e (20), por exemplo, em que V = verbo.

Igualmente, quando se trata da quantificação de uma palavra que não pertence ao grupo restrito de palavras tem-se que o quantificador não altera a estrutura morfológica da sentença. O que ocorre é simplesmente a inserção do quantificador no início da mesma (14). Tal comportamento, pode ser utilizado como evidência para afirmar que os quantificadores, assim como a grande maioria dos nomes Sanapaná – com exceção apenas do grupo restrito de palavras – não são produtivos para número. Se o fossem, seria previsível a ocorrência de concordância, entre o quantificador *anhlan<sup>je</sup>* e N a ele relacionado, por exemplo.

- (14) *anhlan<sup>je</sup>* *emamekama* *an<sup>je</sup>ep* *apangok* *na'ak* *emo'ok*  
 QUANT trabalho fazenda PRON<sub>POS-1/SG</sub> LOC vizinho  
 'Há muito trabalho na fazenda do vizinho'

Os dados em (13) e (14) mostram a linearização do quantificador em posição inicial da sentença e, conseqüentemente, o escopo da quantificação incidindo sobre o N a ele posposto. Esse fato sintático indica a preferência do quantificador em ocorrer em posição anterior ao referente quantificado.

Quando se trata de uma sentença com mais de um quantificador, assim como ilustrado nos exemplos acima, ocorre a linearização do quantificado em posição posterior ao quantificador (15).

- (15) *an<sup>je</sup>etneje* *mo'ohlema* *emamekama* *ten<sup>je</sup>ala'a* *nenhlet*  
 ter QUANT trabalho BENEf homem  
  
*an<sup>je</sup>ep* *mo'ohlema* *lenko*  
 fazenda QUANT menonita  
 'Tem algum trabalho para nós em alguma fazenda de menonita'

Pode-se considerar, finalmente, que os quantificadores Sanapaná não interferem nos processos envolvidos na indicação de número. De modo que as flexões possíveis para o SN e a utilização de quantificadores não interagem entre si. A não interação entre ambos reforça a análise de  $-\sigma/V:C$  como adjunção a N e não como núcleo de uma projeção.

### 3.2 A indicação de número no SV

Quando se trata da indicação de número com escopo sobre um constituinte da sentença, a estratégia utilizada é o emprego do prefixo /*ke-*/, que antecederá a raiz verbal. Número marcado no SV através deste prefixo tem escopo, sobretudo, no argumento que desempenhará função gramatical de sujeito da sentença.

- (16a) *ap-ke-seponges-kama* *tahla* *an<sup>je</sup>epa* *na'ak*  
 CONC<sub>1</sub>-PL-apagar-CAUS fogo plantação LOC  
 'Eles apagaram o fogo da plantação'

(16b) hlengap ap-ke-napma jata'aj  
 PRON<sub>-1/PL</sub> CONC<sub>-1-PL</sub>-matar cabra  
 'Eles mataram a cabra'

A sentença (16b) mostra que a realização do pronome pleno na posição gramatical de sujeito não implica na não realização do prefixo de número no SV, exatamente como ocorre com os quantificadores (3.1.1), por exemplo, que não anulam a adjunção ilustrada em (11).

A indicação de PL no SV via prefixo /ke-/ também é produtiva em sentenças interrogativas, como em (17).

(17) taehlma ap-ke-napo kelasma nemana  
 PRON<sub>INT</sub> CONC<sub>-1-PL</sub>-pescar peixe hoje  
 'Quantos peixes você pegou hoje?'

Se o prefixo /ke-/ tem escopo restrito ao argumento em função de sujeito da sentença, deve-se perguntar como se dá a indicação de número no argumento que desempenha função gramatical de objeto. Há dois processos gramaticais bastante produtivos que podem ser utilizados para responder a esse questionamento. Por um lado, os falantes empregam pronomes independentes após V (18a) ou, por outro lado, empregam numerais capazes de identificar a quantidade do referente (18b). Um terceiro processo (18c), desencadeado via concordância, também tem sido atestado na língua e, embora encontrado em poucos exemplos, parece sob um ponto de vista estritamente sintático, mais adequado para representar a categoria gramatical número com escopo sobre objeto, já que se comporta na estrutura de forma muito semelhante ao prefixo /ke-/.

(18a) ansetkok ap-tepowama hlengap  
 menino CONC<sub>-1</sub>-bater PRON<sub>-1/PL</sub>  
 'O menino bateu eles'

(18b) ankeloana an-taoke kanet akjehlna nahlma  
 mulher CONC<sub>-1/FEM</sub>-comer dois fruta monte  
 'A mulher comeu duas frutas selvagens'

(18c) sivito ap-ke-le-kamok patakomb hlengap  
 NPr CONC<sub>-1-PL<sub>SUJ</sub>-PL<sub>OBJ</sub></sub>-dar dinheiro PRON<sub>-1/PL</sub>  
 'Civito dá dinheiro para eles'

O prefixo /le-/, contudo, não é a única forma de identificar o número de um objeto de V. O exemplo (18c) em contraste com o exemplo em (19) indica a possibilidade de indicar número no próprio argumento através de  $-\sigma/V:C$ . Nesses casos, conforme se pode observar em (19), não há co-ocorrência do prefixo de concordância com  $-\sigma/V:C$ .

- (19) nenhlet ap-ke-kamok peletaw aten<sup>j</sup>ala'a ansetko:k  
 homen CONC<sub>1</sub>-PL-dar faca BENEfF meninos  
 'Os homens deram uma faca para os meninos'

A presença de  $-\sigma/V:C$  em (19) força-nos a pensar na natureza de adjunção de  $-\sigma/V:C$  apresentada em (11), já que ocorre no argumento do verbo *kamok*. Considerando-se o princípio básico de que temos em questão um verbo que requer três argumentos, sendo que *aten<sup>j</sup>ala'a ansetko:k* é um deles e que, por isso, não pode ser adjunto do verbo, a análise apresentada em (11) tornar-se-ia improcedente. Contudo, se considerarmos (i) a restrição fonológica para  $-\sigma/V:C$  e (ii) a utilização de outros processos para indicação de número no objeto do verbo (cf. exemplos 18a-b), é possível analisar (19) como exceção e manter a análise de  $-\sigma/V:C$  como caso de adjunção restrito à classe N. Das restrições (i) e (ii) resulta a maior abrangência dos prefixos de concordância de número. Sendo estes prefixos mecanismo sintático, prevê-se, então, maior produtividade em oposição a  $-\sigma/V:C$ , mecanismo morfofonológico.

Uma outra observação possível a partir do contraste entre (18c) e (19) refere-se ao fato de que o prefixo de concordância atestado em (18c) não ocorre com nos casos em que há  $-\sigma/V:C$  (19), o que pode ser explicado a partir do que conhecido na literatura como *elsewhere condition*. Segundo Ackema e Neeleman (2004, p. 48), "essa condição prevê que uma regra geral é bloqueada quando uma regra mais específica é aplicada".<sup>6</sup>

A não co-ocorrência em Sanapaná de  $-\sigma/V:C$  (mecanismo morfofonológico) com /le-/ (mecanismo sintático) pode ser analisado como um caso de competição entre morfofonologia e sintaxe. Tal competição é exatamente o que, conforme Ackema e Neeleman (2004, p. 48), é previsto por Di Sciullo e Williams (1987), Andrews (1990), Poser (1992), Sells (1998), entre outros. Segundo esses autores (apud, ACKEMA e NEELEMAN, op. cit.), há casos de línguas em que a forma específica é morfológica, enquanto que a forma geral é sintática. Nesse caso, a morfologia bloqueia a sintaxe. Há por outro lado, línguas em que o processo é oposto. Logo, sintaxe bloqueia a morfologia. Os dados discutidos aqui permitem considerar a língua Sanapaná com comportamento semelhante ao primeiro conjunto de línguas.

Por fim, sob uma perspectiva tipológica, compreende-se que a indicação de número no SV é relativamente comum em línguas naturais. Em Corbett (2000), encontra-se como exemplo para esse padrão de marcação, dentre outras, a língua Amele (falada na Papua Nova Guiné). No caso da língua Sanapaná, o escopo de /ke-/ relacionado ao argumento que desempenha função gramatical de sujeito permite-lhe ser considerado concordância com o referido argumento, ao passo que o prefixo /le-/ refere-se ao argumento que desempenha função gramatical de objeto e constitui-se concordância com este argumento. A ocorrência de dois prefixos distintos com referência a sujeito e a objeto, respectivamente, pressupõe a linearização de uma estrutura sintática do SV como (20). Note-se que a estrutura (20) não exclui aquela apresentada em (6). Ao contrário, a amplia.

- (20) SV[CONC<sub>GEN</sub> [CONC<sub>NUM/SUJ</sub> [CONC<sub>NUM/OBJ</sub> [V ]]]]

<sup>6</sup> This condition states that a general rule is blocked where a more specific rule can apply (p. 48).

## 4. Considerações Finais

Mostrei ao longo desse artigo que gênero e número em Sanapaná apresentam comportamento morfossintático bastante comum entre sí, à medida que distinguem processos particulares ao SN e ao SV.

No caso de gênero, o processo próprio do SN desencadeia-se via itens lexicais específicos, nos quais se pode vislumbrar uma interação léxico-semântica. O processo que se dá junto ao SV, por sua vez, desencadeia um sistema de concordância via prefixos.

No caso de número, discuti o processo de prolongamento da vogal da última sílaba, comum aos contextos em que se toma o SN isoladamente e o sistema de concordância de prefixos, próprio de contextos que envolvem SV. Ao considerar que o processo relativo a número recorrente no SN é um fenômeno morfofonológico e que o recorrente no SV é um fenômeno sintático, fiz referência à existência de uma competição entre ambos, em que, por ser mais específico, o fenômeno morfofonológico bloqueia o fenômeno sintático.

## 5. Lista de Abreviaturas

AD, adição; ANIM, animado; BENEFA, benefactivo; CAUS, causativo; CONC, concordância; D, determinante; GEN, gênero; HUM, humano; INT, interrogativo; INTENS, intensificador; LOC, locativo; N, nome; NEG, negação; Npr, nome próprio; NUM, número; QUANT, quantificador; POS, possessivo; PRON, pronome; S, sentença; V, verbo.

## 6. Referências Bibliográficas

II CENSO NACIONAL INDÍGENA DE POBLACIÓN Y VIVIENDAS. *Pueblos indígenas del Paraguay*. Resultados finales. Asunción, 2002. 688 p.

ADELAAR, Willem, F.H. The languages of the Chaco region: Guaicuruan, Matacoan, Zamucoan and Lengua-Maskoy. In: Adelaar, Willem, F. H.. The languages of the Andes. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 488-499.

ACKEMA, Peter e NEELEMAN, Ad. *Beyond Morphology: interface conditions on word formation*. Oxford University Press, 2004. 306 p.

CAMPBELL, Lyle. *American Indian languages. The historical linguistics of native America*. Oxford University Press, 1997. 515 p.

CORBETT, Greville G. Number. In: BROWN, Keith (ed.) *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. 2nd Edition. Oxford: Elsevier. 2006, p. 724-731.

\_\_\_\_\_. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 358 p.

DIXON, R. M. W. *The Jarawara language of southern Amazonia*. Oxford University Press, 2004. 636 p.

FABRE, Alain. Los enlhet-enenlhet del Chaco Paraguayo. Suplemento Antropológico. Revista del Centro de Estudios Antropológicos da Universidad Católica. Asunción, v. XL, n. 1. p. 503-570.

GOMES, Antonio. A. S. *Sanapaná uma língua Maskoy: morfologia e sintaxe*. (em andamento). Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

KERSTEN, Ludvig. *Las tribus indígenas del Gran Chaco hasta fines del siglo XVIII. Una contribución a la Etnografía Histórica de Sudamérica*. Universidad Nacional del Nordeste. Resistencia (Chaco), 1968.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax. In DIMITRIADIS, Alexis. et al. (eds). Proceedings of the 21st annual Penn linguistics colloquium. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, 1997, p. 201-225.

UNRUH, Ernesto e KALISCH, Hannes. Enlhet-Enenlhet. Una familia lingüística chaqueña. Thule, Rivista italiana di studi americanistici, Italia, v. 14/15, p. 207-231, 2003.